ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/351682707

O português santomense: distribuição da lateral em coda

Chapter · May 2021

DOI: 10.35417/978-65-87712-12-3_142

CITATIONS
0

READS
5

2 authors:

Nancy Mendes Torres Vieira
University of São Paulo
13 PUBLICATIONS **22** CITATIONS

SEE PROFILE

Amanda Macedo Balduino
University of São Paulo
30 PUBLICATIONS **37** CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:

Project Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura View project

Project Línguas de São Tomé e Príncipe View project

All content following this page was uploaded by Nancy Mendes Torres Vieira on 11 February 2022.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

O português santomense: distribuição da lateral em coda[45]

Nancy Mendes Torres Vieira[46]

Amanda Macedo Balduino[47]

Introdução

"O português são dois; o outro, mistério".
Carlos Drummond de Andrade

O poema *Aula de português*, de Carlos Drummond de Andrade, é frequentemente lembrado em debates dedicados à variação linguística. Focando na diferença entre a língua falada, dominada por todo e qualquer falante, e as normas difundidas mediante o ensino formal, o autor assume que o português são dois. A divisão do português em dois, circunscrita na dicotomia *uso real* x *norma alvo*, oferece um estímulo inicial para uma discussão muito mais ampla em relação às variedades em língua portuguesa. O português não são dois, são muitos. A língua portuguesa é um corpo heterogêneo, formado por diversas variedades que podem apresentar semelhanças e especificidades estruturais, mas que, em conjunto, formam uma

[45] Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento que permitiu a condução dessa pesquisa e elaboração deste trabalho: processos 2015/25332-1 e 2017/26595-1.
[46] Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa, USP.
[47] Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa, USP.

unidade politicamente denominada como língua portuguesa. Neste capítulo, discorreremos, justamente, sobre uma dessas diferentes variedades: o português santomense (PST). Nosso objetivo é discutir a emergência do PST em um contexto plurilíngue onde a norma europeia ainda é alvo de difusão na educação formal. Pretendemos, ademais, examinar os processos de velarização [ɫ] e vocalização [w] nessa variedade, fenômenos que elucidam características linguísticas singulares do PST.

O PST é uma variedade da língua portuguesa falada em São Tomé, uma ilha que faz parte da República de São Tomé e Príncipe (STP), país localizado na costa oeste africana. As variedades do português faladas na África constituem um amplo campo de estudos, uma vez que os trabalhos dedicados à sua descrição e análise são esparsos. Conforme Brandão *et al.* (2017), não há, ainda, trabalhos suficientes que determinem, sincronicamente, as normas que caracterizam tais variedades, sobretudo, porque estas apresentam caráter emergente (BRANDÃO *et al.*, 2017, p. 296). Em relação ao Português Vernacular Santomense (PST), o cenário não é muito distinto e os estudos são poucos (cf. ARAUJO; AGOSTINHO, 2010; FIGUEIREDO, 2010; GONÇALVES, 2010; GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015; BOUCHARD, 2017; BRANDÃO *et al.*, 2017; BRANDÃO; DE PAULA, 2018; BRANDÃO, 2018; BALDUINO, 2018; BRAGA, 2018; ARAUJO; BALDUINO, 2019; BALDUINO; VIEIRA, 2020; BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020; VIEIRA; BALDUINO, 2020, 2021).

Em geral, os países africanos que possuem o português como língua oficial apresentam um quadro linguístico diversificado, caracterizado pela coexistência de diferentes línguas. Em STP, o português, apesar de conviver com línguas autóctones, como o santome, angolar e kabuverdianu, é mantido como língua de prestígio, sendo a língua mais empregada do arquipélago - falada por cerca de 98% da população santomense (INE, 2012). Em STP, o emprego e a transmissão do português como L1 são amplos, fato que culminou em diferentes variedades de língua portuguesa circulando no país – como é esperado em todo e qualquer território onde uma língua é falada de maneira extensa.

O PST, foco deste capítulo, é falado na cidade de São Tomé, capital de STP. Todavia, apesar da vasta circulação dessa variedade, o ensino formal em e de língua portuguesa em STP é feito com base na norma europeia, variedade que ainda constitui um alvo linguístico da sociedade santomense. Como indicado em estudos anteriores, apesar de o PE, especialmente a norma lisboeta, ser eleito como um alvo linguístico, o PST possui estruturas e processos linguísticos singulares que o diferenciam da variedade europeia (BALDUINO, 2018). Diante desse fato, temos como propósito descrever e analisar a distribuição da lateral /l/ na coda silábica do PST, focando na possibilidade de ocorrência de processos fonológicos como a velarização e a vocalização, os quais podem ser atestados no português europeu e no

português brasileiro a fim de verificar especificidades dessa variedade quanto à implementação desses processos.

Este capítulo foi elaborado a partir dos dados e resultados alcançados do estudo de Balduino e Vieira (2020), que apresentou e discutiu a distribuição da lateral em coda silábica no português santomense[48], e visava contribuir com a descrição e análise fonológica de uma variedade pouco descrita do português, ampliando a literatura voltada a esse tema e, consequentemente, a documentação linguística do PST.

O contexto linguístico em São Tomé

São Tomé é uma ilha pertencente à República de São Tomé e Príncipe (STP). O país é um arquipélago localizado no Golfo da Guiné a 300 km da Costa Oeste Africana. A ilha era inabitada até 1470, quando os portugueses chegaram ali (HAGEMEIJER, 2009; SEIBERT, 2012; BANDEIRA, 2017; VIEIRA; BALDUINO, 2020). Seu povoamento pode ser analisado em duas fases: a fase de habitação – entre o povoamento definitivo, a partir de 1493, até o começo da produção açucareira na

[48] As autoras analisaram 744 ocorrências da lateral em coda as quais foram submetidas a uma análise acústica, para confirmar foneticamente os fenômenos de vocalização, velarização e apagamento da lateral nos dados. Para tanto, utilizou-se o software *Praat* (BOERSMA, P.; WEENINK, 2016), pelo qual foi observado, com base em alguns critérios fonológicos, como a tonicidade da palavra, a qualidade dos segmentos precedentes e a distribuição posicional da lateral dentro do item alvo, a presença de uma lateral velar, vocalizada, ou mesmo a ausência segmental (BALDUINO; VIEIRA, 2020, p. 597).

primeira parte do século XVI – e a segunda fase, a de plantação, que se inicia por volta de 1520 e termina no século XVI com a crise do ciclo do açúcar (GARFIELD, 1992; HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017).

Durante a fase de habitação, o contato entre falantes de português, em menor número, com os falantes das diversas línguas de origem africana, em maior número, foi intenso. Dessa forma, o contato linguístico no processo do povoamento e colonização da ilha São Tomé, assim como as relações sociais de poder ali estabelecidas em conjunto com o ambiente "ilha", resultou numa língua crioula de base lexical portuguesa, o protocrioulo do Golfo da Guiné (GÜNTHER, 1973, FERRAZ 1974, 1979; HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017).

Posteriormente, o Protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG), possivelmente a primeira língua dos cativos, foi ramificado em quatro línguas-filhas com a separação dos grupos escravizados (BANDEIRA, 2017): (i) o lung'Ie se desenvolveu de forma independente no Príncipe a partir do grupo levado a essa ilha; (ii) outro grupo escravizado foi levado para Ano Bom, atualmente pertencente à Guiné Equatorial, onde emergiu o fa d'ambô; (iii) parte dos falantes de PGG permaneceu na capital, ilha de São Tomé, o que levou à especiação do protocrioulo que assumiu novos contornos com contribuições linguísticas de outras levas de escravizados, tornando-se uma nova língua, nomeadamente, o santome; (iv) por fim, outra parte dos falantes do PGG era composta de escravizados recém-chegados. Esses haviam sido cativos em São Tomé e haviam escapado dos engenhos em direção a locais inabitados

na ilha, constituindo, assim, uma comunidade quilombola, na qual o PGG foi ramificado no angolar (BANDEIRA, 2017, p. 137).

Atualmente, em STP, há três línguas autóctones em contato com o português: lung'Ie, santome e angolar. Essas línguas estão concentradas em diferentes regiões do arquipélago, e, por isso, em contato com diferentes variedades da língua portuguesa que circulam em STP. Além do mais, há de ser considerado que, no país, uma quarta língua convive com o português: o kabuverdianu. O kabuverdianu, embora seja uma língua autóctone de Cabo Verde, foi transplantada a STP com a migração caboverdiana no século XX. Nesse período, um grande número de trabalhadores caboverdianos contratados se fixou, juntamente com sua família, nas roças de cacau e café do arquipélago. Com esse influxo de caboverdianos, mantido até a independência de STP, o kabuverdianu não somente foi levado para o país, como é, até hoje, transmitido, entre os descendentes caboverdianos de STP. Assim sendo, o português falado em STP está em contato, ainda, com o kabuverdianu.

Apesar de o português ser a única língua oficial do país, e, de acordo com o último censo publicado (INE, 2012), a língua majoritária, falada por cerca de 98% da população, línguas minoritárias, como o santome, o angolar e o lung'ie, além do kabuverdianu, também são faladas pelos seus habitantes (FERRAZ, 1974, 1979; MAURER, 1995, 2009; HAGEMEIJER, 2009; ARAUJO; AGOSTINHO, 2010; HAGEMEIJER,

2011, AGOSTINHO, 2015; AGOSTINHO; BANDEIRA; ARAUJO, 2016; BANDEIRA, 2017; BALDUINO, 2018).

Ao longo do século XX, pelo menos até a independência de Portugal, em 1975, o santome era a língua mais falada em São Tomé e Príncipe. No entanto, nesse mesmo período, proclamada a independência santomense, o português foi eleito como língua nacional oficial do arquipélago, sendo seu uso reforçado por questões políticas internas. Em pouco tempo, a língua portuguesa superou o santome em número de falantes, sendo, hoje, a língua majoritária e, mesmo materna, da população (BANDEIRA, 2007; ARAUJO, 2020). Ademais, diferente de outros países africanos em que o português, apesar de ser uma das línguas oficiais, não é a língua majoritariamente falada pela população, como ocorre em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde, em STP, o português é não apenas a língua majoritária, mas também a língua materna da maior parte da população (ARAUJO, 2020).

Gonçalves (2010), Silveira (2013), Balduino (2018), Santiago e Agostinho (2020), entre outros autores, chamam atenção para o fato de que a convivência da língua portuguesa com as línguas autóctones e, mesmo, com o kabuverdianu, em STP, reflete um contexto ecolinguístico complexo e desigual no arquipélago. A língua portuguesa, em geral, exerce efeitos glotocidas sobre as demais línguas do arquipélago, na medida em que é adquirida como língua materna (L1) em detrimento da aquisição das demais línguas faladas

em STP que, por sua vez, são cada vez menos transmitidas e carecem de políticas linguísticas (ARAUJO 2020).

Em decorrência desse cenário linguístico singular, é possível observar diferentes variedades de língua portuguesa circulando pelo arquipélago. Todavia, mesmo que STP seja marcado por diferentes falares de língua portuguesa, observa-se que o português europeu, mesmo não sendo uma variedade nativa à STP, corresponde à norma alvo dos falantes, sendo eleita, muitas vezes, a norma de prestígio do arquipélago (BOUCHARD, 2017; ARAUJO; AGOSTINHO, 2010; AGOSTINHO; BANDEIRA; ARAUJO, 2016; BALDUINO, 2018, ARAUJO, 2020). Por isso, comumente, o PE é a norma almejada e difundida no ensino formal do país.

Em STP, o português foi inicialmente adquirido como segunda língua (L2), isto é, o *input* disponível para o português falado no país, é originário de variedades interlinguísticas de português L2, o que contribui para a formação de uma variedade distinta da europeia. Ademais, o português está inserido em um contexto de multilinguismo, portanto, as variedades de português faladas em STP possuem características próprias resultantes, também, do seu uso e do contato com as línguas minoritárias[49] autóctones também faladas no país (LUCCHESI; BAXTER, 2009; SILVEIRA, 2013; BALDUINO, 2018; ARAUJO, 2020; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020). Tais características

[49] Entende-se por língua minoritária uma língua materna de um povo, num país cuja língua nacional ou oficial é outra (TRAKS, 2011 apud BALDUINO, 2018).

constituem um dos fatores que as diferenciam de outras variedades do português, como o PB e o PE falados em um contexto de contato menos intenso. Ademais, há de ser considerado que apesar das variedades que circulam em um determinado país possuírem traços distintivos, o núcleo central dessas variedades é bastante homogêneo (BAGNO, 2012, p. 25). Dessa forma, podemos entender o português de STP, também, como um conjunto de variedades do português faladas no arquipélago, do mesmo modo que o português brasileiro é composto o por diversas variedades empregadas em diferentes áreas geográficas[50]. No entanto, para a análise dos fenômenos propostos, focaremos na variedade falada na capital.

A despeito da tentativa de difundir a norma europeia de língua portuguesa em STP, diferentes variedades vernáculas e autóctones da língua portuguesa são empregadas no país. Além de variedades urbanas, como o português santomense (PST) e o português principense (PP) (BALDUINO, 2019; SANTIAGO, 2019; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020), há registros de variedades como o português de Almoxarife (PA), empregado na costa da ilha de São Tomé, e do português dos Tongas (PT), falado na comunidade da roça Monte Café (BAXTER, 2018; FIGUEIREDO 2010; ROUGÉ, 1992). Além dessas, outras variedades não registradas, como o português angolar, falado na

[50] Pensando, somente, em variação diatópica. No entanto, as variedades do PB variam ainda de acordo com aspectos socioeconômicos e diacrônicos – como qualquer outra língua e/ou variedade linguística.

região dos Angolares, e o português falado pelos descendentes caboverdianos, também são observadas. Tais variedades possuem estruturas e processos linguísticos singulares que as diferenciam da variedade europeia e as consolidam enquanto variedades da língua portuguesa (VIEIRA; BALDUINO, 2021).

Cientes de que cada variedade da língua possui características próprias, nesse capítulo, nos propomos a apresentar o PST, uma variedade do português pouco estudada, sobretudo quando comparada com variedades do PB e do PE, haja vista que ainda são esparsos os estudos sobre o PST (cf. ARAUJO; AGOSTINHO, 2010; FIGUEIREDO, 2010; GONÇALVES, 2010; GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015; BOUCHARD, 2017; BRANDÃO *et al.*, 2017; BRANDÃO; DE PAULA, 2018; BRANDÃO, 2018; BALDUINO, 2018; BRAGA, 2018; ARAUJO; BALDUINO, 2019; BALDUINO; VIEIRA, 2020; BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020; VIEIRA; BALDUINO, 2020, 2021), assim como descrever e analisar a distribuição da lateral /l/ na coda silábica do PST, com foco nos processos fonológicos como a velarização e a vocalização, os quais podem ser atestados no português europeu (PE) e no português brasileiro (PB) a fim de verificar especificidades dessa variedade do português falada em São Tomé quanto à implementação desses processos. Visamos, assim, contribuir com a descrição e análise fonológica do PST ampliando não apenas a literatura voltada ao tema da distribuição da lateral em coda na língua portuguesa, mas também a documentação linguística dessa variedade.

A velarização e a vocalização da lateral em coda: português brasileiro e português europeu

Mateus e D'Andrade (2000), com base na norma lisboeta do português, assume que a forma mais comum da lateral em coda, no PE, é a velar, sendo a lateral realizada em uma região linguo-velar e produzida como [ɫ] nesta posição. Para Mateus e Rodrigues (2003) e Brandão *et al*. (2003), a manutenção da lateral em coda indica a tendência do PE em manter um padrão CVC, não favorecendo processos de enfraquecimento e apagamento da coda consonantal.

No PB, de outro modo, /l/ pode ser realizado como [ɫ] ou [w] em coda, a depender do dialeto empregado (CÂMARA Jr., 1970), sendo que, de acordo com Quednau (1993), tais regras são empregadas por indivíduos distintos. De acordo com tais autores, o emprego de [ɫ] ou [w] é descrito por variação diatópica, sendo que o falante empregará [ɫ] ou [w] conforme a norma vigente em sua comunidade de fala.

A lateral velar é registrada em variedades da região sul do Brasil, sendo também atestada na região nordeste, porém com menor frequência (cf. QUEDNAU, 1993; TEIXEIRA, 1995; ESPIGA, 1997; DAL MAGO, 1998; TASCA, 1999, 2000; HORA, 2006; NEDEL, 2009; BROD, 2010, 2014; PINHO e MARGOTTI, 2010; SANTOS; SILVA NETO, 2019). Já a lateral vocalizada ocorre em variedades faladas em todas as regiões do país (QUEDNAU, 1993; TEIXEIRA, 1995; DAL MAGO, 1998; TASCA, 1999, 2000; HORA, 2006; SÁ, 2007; NEDEL, 2009; BROD, 2010, 2014; PINHO; MARGOTTI, 2010; SANTOS; SILVA NETO, 2019), sendo

que, à exceção da região sul, na qual há uma coocorrência de outras formas de produção, a lateral vocalizada é a forma predominante nas regiões analisadas e sua ocorrência parece ser influenciada por fatores sociais como faixa etária e nível de escolaridade. Enquanto a preservação da lateral velar é mais recorrente entre falantes mais velhos e menos escolarizados, a vocalização é mais frequente entre os falantes mais jovens e com maior nível de escolarização (TEIXEIRA, 1995; DAL MAGO, 1998; HORA, 2006; SÁ, 2007; NEDEL, 2009; BROD, 2010; SANTOS; SILVA NETO, 2019). Como verificado para a vocalização, o apagamento é recorrente, em menor ou maior percentual, em todas as variedades já estudadas (TEIXEIRA, 1995; HORA, 2006; SÁ, 2007; NEDEL, 2009; PINHO; MARGOTTI, 2010).

A possibilidade de vocalização da lateral, no PB, de acordo com Brandão *et al*. (2003) configura um indício de que, em tal variedade, o padrão silábico preferido é CV, uma vez que a vocalização é caracterizada como um fenômeno de enfraquecimento, o qual se encaminha para o apagamento, como detectado em outras consoantes licenciadas em coda no PB (BRANDÃO *et al*., 2003).

De modo geral, a coda é um constituinte crucial para a descrição fonológica do português, bem como para a discussão de processos que apresentam tal constituinte como domínio. Tendo como foco o comportamento de /l/ na coda, compreendemos que o PB e o PE apresentam um comportamento distinto para a distribuição fonética da lateral, variando quanto à produção de [ɫ] e [w]. Desse modo, nosso objetivo é, além de apresentar o PST, uma variedade do

português, ainda pouco descrita, descrever o preenchimento atribuído à coda lateral e discutir a possibilidade de velarização, vocalização e apagamento de /l/ no PST.

Corpus e Metodologia

Esta pesquisa é pautada em 744 ocorrências, ou 200 itens lexicais, que continham a lateral /l/ em posição de coda no PST. Tais ocorrências foram retiradas de um *corpus* coletado na cidade de São Tomé, o qual é constituído por entrevistas sociolinguísticas gravadas *in loco* em 2016 (AGOSTINHO; BALDUINO, inédito) e 2019 (BALDUINO, inédito). Neste estudo, trabalhamos com 10 entrevistas com duração de aproximadamente 60 minutos cada uma, descartando, no entanto, os 15 primeiros minutos de tais gravações de modo a trabalharmos com uma produção mais próxima à fala vernacular dos informantes. Como nosso propósito é, além de apresentar o PST, propor uma descrição preliminar do comportamento da lateral em coda consonantal nessa variedade, examinamos fenômenos como a vocalização, a velarização e o apagamento de /l/, porém não nos dedicamos à análise estatística da influência de variáveis linguísticas e sociais que podem favorecer ou desfavorecer tais fenômenos.

Uma análise sociolinguística está além do escopo deste trabalho, todavia, ressaltamos os prováveis efeitos que variáveis como o gênero, a escolaridade e, principalmente, a faixa etária podem exercer na aplicação de tais processos, posto que o PST é uma variedade que apresenta algumas mudanças linguísticas em curso

(BOUCHARD, 2017). Embora o objetivo desta análise não recaia sobre esses fatores, reconhecendo sua possível relevância, uniformizamos a escolarização em dois conjuntos, a saber: média (de 4 a 9 anos) e alta (acima de 9 anos), como será discutido adiante, e investigamos os dados considerando as diferentes faixas etária, observando se, em termos percentuais, são identificadas tendências que sugiram a relevância desse fator que deve, posteriormente, ser compreendido mediante uma estatística analítica.

O exame das ocorrências foi realizado tendo em vista alguns critérios fonológicos que, hipoteticamente, podem corresponder a gatilhos para realização da velarização, vocalização e/ou apagamento. Dessa forma, analisamos (i) a tonicidade da sílaba que contém o segmento; (ii) a posição do segmento dentro da palavra, investigando dados em que /l/ estava em posição interna à palavra e dados nos quais a lateral estava em fronteira de palavra; e, por fim, (iii) a distribuição de /l/ em coda de acordo com o contexto fônico precedente.

A escolha dos informantes, além do sexo e da faixa etária, estabelecida em até 29 anos e a partir de 30 anos, considerou a naturalidade, a língua materna e a escolaridade. Dessa forma, todos os informantes eram naturais da Ilha de São Tomé, tinham o português como língua materna e apresentavam, pelo menos, escolarização

média (4 – 9 anos) ou alta (acima de 9 anos), como elucidado pelo quadro 1[51].

Quadro 1 – Informantes do PST.

Sujeito	Idade	Sexo	Escolaridade
1	18	Feminino	Alta
2	19	Feminino	Alta
3	19	Masculino	Alta
4	22	Masculino	Alta
5	33	Feminino	Alta
6	33	Feminino	Média
7	33	Feminino	Alta
8	18	Masculino	Alta
9	43	Masculino	Média
10	52	Masculino	Alta

Fonte: elaboração própria.

Estabelecidos os passos metodológicos, na seção a seguir, discutimos a distribuição da lateral /l/ em coda no PST, tratando, separadamente, cada uma das realizações fonéticas identificadas.

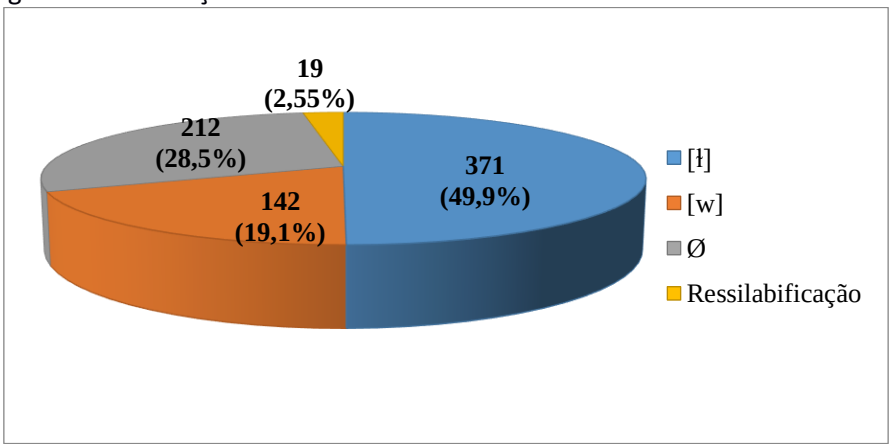
Velarização e Vocalização de /l/ em coda no português vernacular santomense

Nesta seção, examinaremos dados em que /l/ estava em coda, enquanto a lateral velar [ɫ] foi realizada em 49,9% do *corpus*, sendo identificada em 371 ocorrências, a forma vocalizada [w] foi produzida em 19,1% dos dados, o que equivale a 142 ocorrências[52]. O

[51] A escolarização obrigatória, em São Tomé e Príncipe, equivale a 6 anos. Dessa forma, adultos que têm, pelo menos, quatro anos de escolarização, já são considerados bem escolarizados em relação à realidade educacional do país.
[52] Para uma análise mais detalhada consultar: Balduino e Vieira (2020).

apagamento da lateral, por sua vez, ocorreu 212 vezes, o que corresponde a 28,5% do corpus e, finalmente, /l/ foi ressilabificada como lateral coronal [l] em onset em 2,55% dos dados analisados, como elucidado pelo gráfico na figura 1.

Figura 1. Distribuição das 744 ocorrências da lateral em coda no PST



Fonte: elaboração própria.

Esses resultados iniciais indicam que, no PST, a lateral em coda, fora do contexto de ressilabificação, pode ser realizada como uma lateral velar [ɫ], ser vocalizada [w] e mesmo apagada como indicado no quadro 2 para as palavras **bolso** e **fácil**.

Quadro 2. Variação de [ɫ] ~ [w] ~ Ø em coda conforme acento e contexto vocálico precedente.

Variável	Palavra	Realizações	Palavra	Realizações
[ɫ]	Bolso	[ˈboɫ.sʊ]	Fácil	[ˈfa.siɫ]
[w]		[ˈbow.sʊ]		[ˈfa.siw]
Ø		[ˈbo.sʊ]		[ˈfa.si]

Fonte: elaboração própria.

O PST, a exemplo do PB, apresenta vocalização de /l/ em coda. No entanto, a distribuição desse fenômeno não parece tão ampla quanto no PB em que, apesar de apresentar a alternância [ɫ] ~ [w], a forma mais comum, na maior parte das variedades brasileiras, é [w]. Se, por um lado, a vocalização de /l/, no PST, não é tão difundida quanto no PB, por outro, sua ocorrência é mais comum do que no PE, cuja forma mais reportada é [ɫ] (MATEUS; DANDRADE, 2000). Notamos, assim, que o PST, ao mesmo tempo que compartilha as mesmas possibilidades fonéticas de realização de /l/ com o PB e o PE, apresenta um comportamento singular – fato reforçado, inclusive, pela alternância de [ɫ] ~ [w] na fala de um mesmo indivíduo.

Por fim, há de ser considerado, também, que o apagamento de /l/ foi uma estratégia ainda mais comum que sua vocalização. Balduino, Vieira e Freitas (2020) indicam que o apagamento em coda é um processo recorrente às codas /r, l, S/ no PST e no PP, uma variedade de português também falada em STP. Considerando que, nas línguas autóctones de STP, em contato com o PST, não há /l/ em coda (BANDEIRA, 2017), é possível que a frequente ocorrência de apagamentos da lateral seja reflexo do contato entre o PST e as línguas autóctones de STP. Logo, mesmo os dados examinados sendo provenientes de falantes com escolaridade média e alta, notamos que o PST firma-se como uma variedade singular que, a despeito das pressões exercidas pela norma europeia difundida no ensino formal, é demarcada por estruturas próprias.

Sabendo que [ɫ] ~ [w] ~ Ø são possíveis realizações de /l/ em coda no PST, avaliaremos sua distribuição percentual considerando os seguintes contextos: tonicidade da sílaba; posição do segmento em palavra morfológica[53] e segmentos vocálicos no contexto fônico anterior.

No que diz respeito à tonicidade silábica, observamos que [ɫ], [w], bem como o apagamento da coda, são possíveis em sílabas átonas e tônicas, não constituindo este um fator de bloqueio ou gatilho para os fenômenos. Na tabela 1, apresentamos as ocorrências de cada variável conforme a tonicidade da sílaba que contém a lateral, indicando o percentual das ocorrências de [ɫ], [w] e Ø em sílabas tônicas e átonas. O total de ocorrências observado é 725, ao invés de 744, como na figura 1, devido ao fato de que as 19 ocorrências em que a lateral é ressilabificada não estão incluídas na tabela 1, assim como nas tabelas 2 e 6.

Tabela 1. Percentual de [ɫ], [w] e Ø conforme a tonicidade da sílaba

Variável	Total de ocorrências	Tônicas		Átonas	
		Ocorrências	Percentuais	Ocorrências	Percentuais
[ɫ]	371	233	62,80% (233/371)	138	37,20% (138/371)
[w]	142	97	68,31% (97/142)	45	31,69% (45/142)
Ø	212	74	34,91% (74/212)	138	65,09% (138/212)
Totais	725	404		321	

Fonte: elaboração própria.

[53] Tal especificação é relevante, pois nem sempre a palavra morfológica coincide com a palavra prosódica (cf. LEE, 1999; VIGÁRIO, 2003; MATEUS, 2004; ULRICH; SCHWINDT, 2018).

Na tabela 1 os percentuais de ocorrência de [ɫ], [w] e Ø, em sílabas tônicas e átonas, são estabelecidos em relação às ocorrências totais de cada variável: [ɫ] (371); [w] (142) e Ø (212). De acordo com tal critério, constatamos que a velarização e a vocalização são favorecidas em sílabas tônicas, uma vez que, do total de ocorrências de [ɫ], 62,8% ocorreram em tônicas, e, de forma análoga, das ocorrências de [w], 68,31% foram constatadas em sílabas átonas. O apagamento, por outro lado, é percentualmente favorecido em sílabas átonas, posto que dentre os apagamentos detectados, 65,09% ocorreram em átonas.

Os resultados da análise das variáveis [ɫ], [w] e Ø, conforme sua posição na palavra mofológica, são demonstrados na tabela 2.

Tabela 2. Variáveis [ɫ], [w] e Ø conforme a posição da sílaba dentro da palavra morfológica

Variável	Total de ocorrências	Fronteira de palavra morfológica		Meio de palavra morfológica	
		Ocorrências	Percentuais	Ocorrências	Percentuais
[ɫ]	371	221	59,57% (221/371)	150	40,43% (150/371)
[w]	142	74	52,11% (74/142)	68	47,89% (68/142)
Ø	212	72	33,96% (72/212)	140	66,04% (140/212)
Totais	725	367		358	

Fonte: elaboração própria.

Ao examinar os percentuais em relação ao total de ocorrências de cada variável, notamos que [ɫ] e [w] são mais comuns em fronteira

de palavra, sendo registrados os respectivos percentuais, 59,57% e 52,11%, ao passo que o apagamento ocorreu com maior frequência em meio de palavra (66,04%).

A partir dos dados percentuais apresentados, na tabela 2, verificamos que embora o apagamento de /l/ em coda seja um processo recorrente no PST, tal fenômeno, nos dados analisados, não é mais produtivo em fronteira de palavra, como postulado para o PB e o PE (HORA, 2006; PINHO; MARGOTTI, 2010; RODRIGUES, 2012). Isto é, no PST, o apagamento da lateral foi mais frequente em meio de palavra, sugerindo, por um lado, que a fronteira de palavra não constitui um domínio favorecedor do fenômeno nesta variedade e, por outro, que mesmo demonstrando a possibilidade de /l/ em coda ser realizado como [ɫ] ou [w], a variedade de São Tomé apresenta traços intrínsecos que não estão, necessariamente, presentes no PB e/ou no PE[54].

Ao considerar o contexto fônico precedente (CF1), constatamos a realização de [ɫ] diante das sete vogais orais do PST (SILVEIRA; ARAUJO, 2018), como indicado na tabela 3. Nesta tabela, o número de ocorrências de [ɫ] é analisado, de modo individual, em relação a cada um dos CF1 [i, e, ɛ, a, ɔ, o, u]. Essa abordagem foi adotada para que cada contexto seja avaliado de forma autônoma,

[54] A comparação com o trabalho de Callou e Serra (2012), no entanto, deve ser relativizada, posto que as autoras dedicam-se, exclusivamente, à variedade carioca. Ademais, o estudo em questão examina o apagamento do rótico, segmento distinto de /l/, fato que poderia indicar resultados distintos, como o maior percentual da vocalização em relação ao apagamento da lateral.

neutralizando diferenças decorrentes da distribuição não uniforme das ocorrências nos contextos vocálicos avaliados[55].

Tabela 3. Realizações de [ɬ] conforme vogais que correspondem a CF1

Vogal	Ocorrências por vogal	Ocorrências de [ɬ]	Percentuais
[i]	75	28	37,33% (28/75)
[e]	35	27	77,14% (27/35)
[ɛ]	25	18	72,00% (18/25)
[a]	457	228	49,89% (228/457)
[ɔ]	29	23	79,31% (23/29)
[o]	52	15	28,85% (15/52)
[u]	71	32	45,07% (32/71)
TOTAL	744	371	49,9% (371/744)
[DORSAL] [a, ɔ, o, u]	609	298	48,93% (298/609)
[ANTERIOR] [ɛ, e, i]	135	73	54,07% (73/135)

Fonte: elaboração própria.

Observando o ponto de articulação de CF1 na tabela 3, verificamos que dentre as 609 ocorrências das vogais [dorsal], 298, ou seja, 48,93% das ocorrências foram sucedidas por [ɬ]. Com base nas vogais [anterior], de outro modo, dentre os 135 contextos vocálicos examinados, 73 ocorrências, ou 54,07% dos dados, foram realizadas como uma lateral velar, indicando que, dentre as vogais, segmentos

[55] A esse respeito, notamos, por exemplo, que, dentre os dados investigados, palavras cujo CF1 corresponde a [a] equivalem a 61,46% do total de ocorrências analisadas, fato que poderia conduzir, erroneamente, à interpretação de que tal vogal favoreceria a velarização.

com o traço [anterior] tendem a favorecer, um pouco mais, a produção de [ɫ].

Distintamente de [ɫ], a forma vocalizada [w] não pôde ser constatada diante de todas as qualidades vocálicas. Nos dados, quando CF1 correspondia a [e] ou [u], não verificamos a realização de [w], como exposto na tabela 4.

Tabela 4. Realizações de [w] conforme vogais que correspondem a CF1

Vogal	Ocorrências por vogal	Ocorrências de [w]	Percentuais
[i]	75	4	5,33% (4/75)
[e]	35	0	0,00% (0/35)
[ɛ]	25	6	24,00% (6/25)
[a]	457	121	26,48% (121/457)
[ɔ]	29	1	3,45% (1/29)
[o]	52	10	19,23% (10/52)
[u]	71	0	0,00% (0/71)
TOTAL	744	142	19,1% (142/744)
[DORSAL] [a, ɔ, o, u]	609	132	21,67% (132/609)
[ANTERIOR] [ɛ, e, i]	135	10	7,41% (10/135)

Fonte: elaboração própria.

Ao contrário dos dados produzidos com a lateral velarizada, nos quais o ponto de articulação [anterior] tende a favorecer a realização de [ɫ], na tabela 4, verificamos que a produção de [w] é favorecida por vogais [dorsal] de forma percentualmente mais evidente. Sendo assim, enquanto foram atestadas 132 ocorrências de

[w] diante de vogais [dorsal], totalizando 21,67% (132/609) do total de dados, apenas 7,41% ou 10 ocorrências de [w] foram contabilizadas na sequência dessas vogais. Essa diferença torna-se ainda mais saliente ao considerarmos apenas as 142 ocorrências nas quais a vocalização pôde ser constatada, uma vez que a realização de [w] foi observada em 92,9% (132/142) dos dados que continham [a, ɔ, o, u]. De outro modo, somente 7% (10/142) dos dados em que [ɛ, e, i] correspondiam ao CF1 apresentaram vocalização[56].

No que tange ao apagamento de /l/ em coda, notamos que, com exceção de [ɛ], o fenômeno foi identificado diante de todas as vogais do PST, sendo, em relação ao *corpus*, mais frequente em vogais [anterior] 36,30% do que em vogais [dorsal] 26,77% (cf. tabela 5) [57].

[56] Dentre as 142 ocorrências com [w], 132 equivalem a vogais [dorsal] e 10 a vogais [anterior]. Como a vogal mais recorrente do corpus é [a], tal resultado pode ser reflexo da alta produtividade de tal segmento nos dados. O ideal é que tais resultados sejam revistos tendo em vista uma amostra elicitada que padronize o número de segmentos vocálicos analisados.

[57] Ao considerarmos apenas os 212 dados nos quais o apagamento foi constatado, notamos que esse percentual é maior em vogais [dorsal] (163/212 – 79,6%) do que em vogais [anterior] (49/212 – 23,1%).

Tabela 5. Apagamento da lateral em coda conforme vogais que correspondem a CF1

Vogal	Ocorrências por vogal	Ocorrências de Ø	Percentuais
[i]	75	43	57,33% (43/75)
[e]	35	6	17,14% (6/35)
[ɛ]	25	0	0,00% (0/25)
[a]	457	92	20,13% (92/457)
[ɔ]	29	5	17,24% (5/29)
[o]	52	27	51,92% (27/52)
[u]	71	39	54,93% (39/71)
TOTAL	744	212	28,5% (212/744)
[DORSAL] [a, ɔ, o, u]	609	163	26,77% (163/609)
[ANTERIOR] [ɛ, e, i]	135	49	36,30% (49/135)

Fonte: elaboração própria.

Os resultados apresentados na tabela 4 indicam que, embora a vogal precedente não corresponda a um contexto segmental determinante para a vocalização, tal fenômeno é favorecido diante de vogais [dorsal]. Essa tendência está de acordo com trabalhos dedicados à análise do fenômeno no português brasileiro (QUEDNAU, 1993; BISOL, 1999; TASCA, 1999; MATEUS; D'ANDRADE, 2000; CALLOU; LEITE; MORAES, 2002) que apontam a relevância deste traço como gatilho de vocalização.

No PST, tanto [ɫ] quanto [w] são realizadas em coda (cf. quadro 3), todavia, vogais [dorsal] tendem, percentualmente, a favorecer a vocalização. Assim sendo, suscitamos a hipótese de que o ponto de articulação vocálico pode corroborar, no caso de [a, ɔ, o], o processo

de vocalização: sendo tais segmentos vogais [dorsal], inferimos que esse traço reforça o traço [dorsal] vocálico e promove a dissociação do traço consonantal [coronal], resultando em [w]. Vogais anteriores [ɛ, e, i] e, portanto, [coronal], de modo distinto, reforçam o ponto de articulação consonantal que também é [coronal], privilegiando a manutenção de tal traço e a consequente produção de [ɫ].

Quadro 3. Variação de [ɫ] ~ [w] em coda conforme acento e contexto vocálico precedente

Vogal Precedente	Velarização		Vocalização	
	Tônica	Átona	Tônica	Átona
[i]	[ˈmiɫ]	[ˈfa.siɫ]	[bra.ˈziw]	[ˈfa.siw]
[e]	--------	[ˈni.veɫ]	-------	[pɔ.ˈta.vew]
[ɛ]	[o.ˈtɛɫ]	--------	[pĩ.ˈsɛw]	--------
[a]	[ˈsaɫ]	[saɫ.ˈga.dʊ]	[ˈmaw]	[aw.ˈtu.ɾe]
[ɔ]	[ˈsɔɫ]	[sɔɫ.ˈda.dʊ]	[ẽ.ˈzɔw]	--------
[o]	[ˈboɫ.sʊ]	[voɫ.ˈtaɾ]	[ˈbow.se]	[di.sow.ˈveɾ]
[u]	[ˈsuɫ]	[kuɫ.ˈtu.ɾe]	--------	--------

Fonte: elaboração própria.

A ressilabificação de /l/, no PST, foi detectada em contexto de sândi consonantal, quando a lateral em coda, além de estar em fronteira de palavra, era seguida por um item lexical iniciado por uma vogal, como indicado em (1). Esses dados foram analisados separadamente dos dados de velarização em fronteira de palavra, pois, com a ressilabificação, a lateral, apesar de estar em fronteira de palavra morfológica, não está em fronteira de palavra prosódica.

(1) a. mi[l]oitocentos

b. manua[l]escolar

Em casos como (1), a lateral em coda, por ser ressilabificada em onset, é realizada como um segmento [coronal, +anterior], sem ter o ponto de articulação vocálico licenciado. Esse fenômeno, no entanto, não é obrigatório, posto que a vocalização é também possível em fronteira de palavras como indicado em (2).

(2) a. manua[w]escolar

A possibilidade de ressilabificação ou não de /l/, uma regra pós-lexical na medida em que é aplicada no nível sintático, permite que infiramos que tanto a velarização quanto a vocalização possam corresponder a regras definidas em níveis lexicais anteriores. Assim, se a forma estabelecida for a velar [ɫ], a ressilabificação é possível e pode ocorrer. De outra forma, se o fenômeno aplicado corresponder à vocalização [w], a ressilabificação não ocorre, pois o fone em evidência é desassociado de seus traços consonantais.

No PST, distintamente do PE, variedade na qual a vocalização raramente é reportada na literatura (MATEUS; D'ANDRADE, 2000), e do PB, variedade em que a alternância entre [ɫ] ~ [w] é explicada, sobretudo, mediante variação diatópica (HORA; PEDROSO; CARDOSO, 2010), a oscilação entre a forma velar e vocalizada é constatada na fala de um mesmo indivíduo. De forma a observar se o fator idade pode indicar alguma tendência percentual na implementação de tais processos, as ocorrências de [ɫ] e [w] foram estabelecidas conforme a idade dos informantes (cf. tabela 6).

Tabela 6. Realização de /l/ em coda no PST conforme a idade dos informantes

Variável	Até 29 anos		30 anos ou mais	
	Ocorrências	Percentuais	Ocorrências	Percentuais
[ɫ]	204	48,00% (204/425)	167	55,67% (167/300)
[w]	89	20,94% (89/425)	53	17,67% (53/300)
Ø	132	31,06% (132/425)	80	26,67% (80/300)
Total	425		300	

Fonte: elaboração própria.

Em termos percentuais, verificamos que, nos dados, [ɫ] é mais recorrente entre os informantes de 30 anos ou mais, ao passo que [w], de modo contrário, ocorre de forma mais frequente entre os mais jovens. Tais dados sugerem que a importância da faixa etária para aplicação do processo de vocalização no PST deve ser investigada de forma mais cautelosa, a partir de uma perspectiva sociolinguística, pois esse fenômeno pode configurar uma mudança em progresso na variedade santomense.

Em suma, observamos que, o enfraquecimento de /l/ mediante a vocalização, seu apagamento e mesmo a possibilidade de ressilabificação da lateral em onset, em contexto de sândi consonantal, são resoluções que sugerem a busca por um padrão CV, assim como apontado na literatura para o PB (BRANDÃO *et al*., 2003). Esse fato é reforçado por estudos que se dedicam à análise do rótico em coda no PST (BOUCHARD, 2017; BRANDÃO *et al.*, 2017) e atestam o frequente apagamento desse segmento. Brandão *et al.* (2017, p. 308), por exemplo, indicam que em posição de coda final, o rótico foi

elidido em 44,7% dos dados investigados, o que pode ser explanado, conforme os autores, como uma tendência, constatada em outras línguas, ao padrão silábico CV (BRANDÃO *et al*., 2017, p. 312) [58].

Mesmo diante da aproximação com a variedade brasileira do português, promovida pela produtividade da vocalização de /l/, observamos que o fenômeno da vocalização é implementado de forma distinta, já que diversamente do PB, variedade em que esse fenômeno é registrado, de modo comum, como um processo de caráter diatópico (CÂMARA Jr., 1970; MATEUS; D'ANDRADE, 2000), no PST a oscilação entre [ɫ] ~ [w] foi verificada, recorrentemente, na fala de um mesmo falante. Logo, notamos que o PST afasta-se da norma de prestígio de STP, o PE, variedade difundida pelo meio escolar, aproxima-se do PB, porém, ainda assim, revela traços intrínsecos.

Este capítulo apresentou, de maneira ampla e preliminar, o quadro geral da distribuição de /l/ em coda no PST (BALDUINO; VIEIRA, 2020). Cabe, em trabalhos futuros, averiguar as tendências percentuais levantadas tendo em vista modelos estatísticos que possam atestar a relevância de fatores linguísticos e sociais para ocorrência da velarização, vocalização e apagamento da lateral. É interessante, ainda, que os resultados aqui apresentados sejam

[58] Brandão *et al.* (2017) descartam, assim, a possibilidade do apagamento do rótico ser resultando do contato linguístico entre o PST e línguas locais, posto que esta é uma tendência de caráter universal. Em relação à lateral, tampouco há evidências que o santome esteja influenciando no processo de vocalização e/ou apagamento da coda /l/, pois além de a lateral não ser licenciada em coda nessa língua, o processo de vocalização não é reportado na literatura (BANDEIRA, 2017).

examinados a partir de dados de fala controlada e semiespontânea, os quais permitam isolar contextos que possam favorecer ou limiar a realização de tais processos. Por fim, de modo a caracterizar a sílaba no PST, constituinte linguístico pouco descrito nessa variedade, é necessária a análise da distribuição de outros segmentos licenciados em coda, bem como a verificação da possibilidade de implementação de fenômenos de enfraquecimento, apagamento e ressilabificação identificados nesse domínio.

Considerações Finais

Este estudo da distribuição da lateral em coda indicou que, a exemplo do PB, a coda /l/, no PST, pode ser realizada, por um mesmo falante, como uma lateral velar [ɫ] (49,9%), um glide [w] (19,1%) ou mesmo ser apagada. No geral, a velarização é mais recorrente diante de segmentos vocálicos [anterior], ao passo que a vocalização é um processo constatado, principalmente, diante de vogais [dorsal], sugerindo a relevância desse traço para a realização de tal fenômeno na variedade santomense. Ademais, o apagamento de /l/ também foi recorrente nos dados investigados, sendo identificado em 28,5% dos dados e configurando uma estratégia de resolução de coda ainda mais produtiva do que a vocalização. Por fim, /l/ foi ressilabificado, em onset, em 2,55% do *corpus*, caracterizando-se como um processo comum, porém não obrigatório, e sendo implementado quando a

lateral estava em fronteira de palavra e o item lexical seguinte era iniciado por uma vogal.

O PST pode, assim, ser caracterizado como uma variedade da língua portuguesa com traços compartilhados com outras variedades do português, como o PB e o PE, contudo, detendo traços intrínsecos que podem estar relacionados ao contato do PST com as línguas autóctones, com as quais essa variedade convive em São Tomé, apontando a necessidade de um estudo que, a partir de uma perspectiva sociolinguística, considere a influência de variáveis não apenas linguísticas, mas também sociais sobre os processos fonológicos em questão. Por fim, a vocalização e o apagamento da lateral /l/, em coda, indicam que, a despeito das pressões exercidas pela norma europeia difundida na escolarização, o PST firma-se como uma variedade singular com estruturas próprias.

Referências

AGOSTINHO, A. L. **Fonologia e Método Pedagógico do Lung'ie**. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. L; BANDEIRA, M.; ARAUJO, G. O lung'ie na educação escolar de São Tomé e Príncipe. **Trabalhos em Linguística Aplicada** (UNICAMP), Campinas, 2016.

ARAUJO, G. Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? In: SOUZA, S.; OLMO, F. C. (Orgs.). **Línguas em português: a lusofonia numa visão crítica**. Porto: Universidade do Porto Press, p. 173-197, 2020.

ARAUJO, G; AGOSTINHO, A. L. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, v. 26, p. 49-81, 2010.

ARAUJO, G.; BALDUINO, A. M. Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. **Diacrítica**, v. 33, n. 2, p. 41-68, 2019.

BALDUINO, A. M. **A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, A. M. Apagamento de /R/ e /S/ em coda no Português Principense. **Papia**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 25-39, 2019.

BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. T. Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 594-615, 2020.

BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. T. FREITAS, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020.

BANDEIRA, M. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BAXTER, A. O Português dos Tongas de São Tomé. In: OLIVEIRA, M. D.; ARAUJO, G. (Orgs.). **O português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, p. 297-324, 2018.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, Maria Helena de Moura (Org.) **Gramática do Português culto falado: novos estudos**. Campinas: Editora da Unicamp, v.7, p. 701-742, 1999.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer** (Version 5.3.82) Computer Program, 2016.

BOUCHARD, M. **Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé**. Tese (Doutorado em Filosofica) - Departamento de Linguística, New York University, New York, 2017.

BRAGA, G. **A prosódia do português de São Tomé: a entoação do contorno neutro**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A.; CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo. In: BRANDÃO, S; MOTA, M. A. (Orgs.) **Análise contrastiva de variedades do português**. Rio de Janeiro, In-Fólio, 2003.

BRANDÃO, S.F.; PESSANHA, D.; PONTES, S.; CORRÊA, M. Róticos na variedade urbana do português de São Tomé. **Papia**, v. 27, n. 2, p. 293-315, 2017.

BROD, L. E. Reflexões sobre a lateral posvocálica na fala da comunidade de Santo Antônio de Lisboa. **Working Papers em Linguística**, v. 11, p. 20-32, 2010.

BROD, L. E. **A lateral nos falares florianopolitano (PB) e portuense (PE): casos de gradiência fônica**. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.) **Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p. 537-555, 2002.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ posvocálico no sul do país. **Working Papers em Linguística**, v. 2, n. 1, 1998.

ESPIGA, J. I**nfluência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica no português de fronteira**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pelotas, 1997.

FERRAZ, L. I. A Linguistic Appraisal of Angolar. **Memoriam Antônio Jorge Dias**, v. 2, p. 177-186, 1974.

FERRAZ, L. I. **The creole of São Tomé**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

FIGUEIREDO, C. **A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé**. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Macau, Macau, 2010.

GARFIELD, R. **A history of São Tomé island: 1470-1655**. The key to Guinea. San Francisco: Mellen Research University Press, 1992.

GOLDSMITH, J. A. Syllable Structure. In: Goldsmith, John. **Autosegmental and metrical phonology**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing, p.103-140, 1990.

GONÇALVES, R. **Propriedade de Subcategorização verbal no português de S. Tomé**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

GÜNTHER, W. **Das Portugiesische Kreolisch der ilha do Príncipe**. Marburg: Marburg an der Lahn, 1973.

HAGEMEIJER, T. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: ABOH, E.; SMITH, N. (eds.). **Complex processes in new languages**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamin's Publishing Company, p. 29-50, 2009.

HAGEMEIJER, T. The Gulf of Guinea Creoles: Genetic and typological relations. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 26, n. 1, p. 111-154, 2011.

HORA, D. Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.9, n. 18, p. 29-44, 2006.

HORA, D.; PEDROSA, J.; CARDOSO, W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). 2011. **São Tomé e Príncipe em Números**. São Tomé: 2001. Disponível em: http://http://www.ine.st/2012.html

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: RIBEIRO, I. (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATEUS, M. H. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: **Encontro sobre O Ensino das Línguas e a Linguística APL e ESE de Setúbal**, Setúbal, Portugal, 2004.

MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford:

Oxford linguistics, 2000.

MATEUS, M. H; RODRIGUES, C. A vibrante em coda no Português Europeu. **Actas do XIX Encontro**, 2004.

MAURER, P. L'Angolar: Un créole afroportugais parlé à São Tomé; **Notes de grammaire, textes, vocabulaires**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1995.

MAURER, P. **Principense: Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea**. London: Battlebridge Publications, 2009.

NEDEL, E. L. **A lateral posvocálica em Lages/SC: análise variacionista**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2009.

PINHO, J. A.; MARGOTTI, F. W. A variação da lateral pós-vocálica no português do Brasil. **Working Papers em Linguística**, v.11, 2010.

QUEDNAU, L. R. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho**: análise variacionista e representação não-linear. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

RODRIGUES, M. C. Todas as codas são frágeis em português europeu? **Revista LinguíStica** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2012.

ROUGÉ, J. L. Les langues des Tonga. In: D'ANDRADE, E.; KIHM, A. (Orgs.). **Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa**. Lisboa: Colibri, p. 171-76, 1992.

SÁ, E. **Variação do /L/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2007.

SANTIAGO, A. M. **As vogais do português do Príncipe**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Centro de Comunicação e

Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. **A cor das Letras**, Feira de Santana, BA, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

SANTOS, S. S.; SILVA NETO, J. M. A lateral posvocálica /l/ no Rio Grande do Sul. **CLARABÓIA**, v. 12, p. 7-27, 2019.

SEIBERT, Gerhard. Tenreiro, Amador e os angolares ou a reinvenção da história da ilha de São Tomé. **Realis -Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais**, v. 2, n. 2, p. 21-39, 2012.

SILVEIRA, A. C. **Ditongos no português de São Tomé e Príncipe**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVEIRA, A. C.; ARAUJO, G. Vogais e Ditongos no Português Vernacular de São Tomé e Príncipe. In: OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. (Orgs.). **O Português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas/ Fapesp, p. 258-296, 2018.

TASCA, M. **A lateral em coda silábica no sul do Brasil**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TASCA, M. A preservação da lateral alveolar em coda: uma explicação possível. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 331-354, 2000.

TEIXEIRA, E. P. Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante /l/. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 17, p. 59-68, 1995.

ULRICH, C.W; SCHWINDT, L.C. O status morfoprosódico dos sufixos -inho/-zinho, -mente e -íssimo no português brasileiro. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 769 -788, 2018.

VIEIRA, N. M. T.; BALDUINO, A. M. Apagamento de /R, S, l/ na coda no português de São Tomé: convergência linguística? **Papia**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 7-33, 2020.

VIEIRA, N. M. T.; BALDUINO, A. M. Apagamento do rótico em coda no Português Santomense (PST): uma análise sociolinguística. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 2011-2040, 2021.

VIGÁRIO, M. The Prosodic Word in European Portuguese. **De Gruyter**. p. 440, 2003.

View publication stats